

O PAPYRO.

PERIODICO PURAMENTE LITTERARIO.

REDACTORES: *Domenico Zampieri e Livio Deuso.*—Proprietario *Viriato Braziliense.*



Publica-se duas vezes por mez, assigna-se a 2:000 por trimestre, (pagamento adiantado), na rua Bolla n.º 31. Aceitam-se, e agradece-se, artigos de collaberação, sendo bem escriptos; não se restituem os autographos não publicados. Este periodico jamais entretêra polémicas com quem quer que seja. Artigos a pedido,—somente annuncios,—a 100 reis a linha. N.º avulso 300 rs.

Trimestre 1.º

Theresina, de 9 Julho de 1874.

Numero 3.

Collaboração

Adelia.

BREVE POESIA OFFERECIDA Á EXM.ª SR.ª D. MARIA
F. DA PURIFICAÇÃO E SILVA.

• Et le coeur de la mère en proie à tant de soins,
• Est vide et desolé pour cet enfant de moins.
(V. Hugo.)

Si jaz o tenro corpo—em pó desfeito,
Como a flor que no chão emmurchecêo;
A sua alma, voando ao Seio Eterno,
—E' como oaroma de que o ar se enchêo! . . .

Si lastimas a flor, que já sem vida
As lindas côres não ostenta aqui;
Deveis lembra-vos que o perfume della
Entranhou-se n'um ceo—côr de turqui!

E faz parte da nuvem que voltaia,
Formosa, junto ao throno do Senhor!
Nuvem de incenso e d'anjos e harmonias,
Que produz—o mais vivo resplendor! . . .

Bem sei que força tem—o amor materno,
Porem, senhora, o que deveis fazer,
Si a vontade de DEUS, que é sabio e justo,
—Foi essa que vos faz inda gemer? . . .

Barras, 6 de março 1865.

D. M. CALDAS.

Esperanças.

Eu era o samiel ardente,—o simoun do deserto! . . .

Um dia passei por perto de um oasis formoso, e embriaguei-me de perfumes, e morri de amores. . . .

Desde então, sou a briza perfumada; o zephyro dodejante; o favonio namorado!

Desde então, tenho visto o orvalho que rorêja as palmas; a aurora que se levanta de seu leito de nácar; os passaros que trinão; os regatos que correm brandamente; as flores que ahi se baloução, e as tamaras que crescem, pendentes das palmeiras! . . .

Mas, . . . dia ainda virá—em que de novo me transforme um genio bemfazejo; em que eu saborêe as tamaras; em que o oasis se desencante! . . .

Então, se achará junto a mim—uma fada das mil e uma noites,—e serei eu, finalmente, o mais venturoso *Check* que exista sobre a terra! . . .

Theresina 26 de junho de 1874.

Mahdi Cacem.

O PAPYRO.

A minha noiva.

(*Miragem.*)

Riscára os versos—da lembrança minha,
Formosas quadras, descripções diffusas;
—Queimara os livros; desprezara as lettras;
Deixara os vates; renegára as musas. . . .

E mais fizera! Desprezára a patria,
A propria casa que na villa tenho;
Abandonára-as, se preciso fosse,
Sobre os meus hombros carregando um lenho!

E tudo isso—se teu pai quizesse
Por condição do casamento nosso;
Feliz, porem, se a condição lhe escapa,
—Livros e noiva—possuir eu posso!

E ter os versos na lembrança minha;
Gostar de quadras, descripções diffusas;
Seguir as lettras; venerar a patria;
Querer os vates e adorar as musas.

Agora, se te apraz, ouvir-me podes
Uns versos que compuz, não ha seis mezes;
Conserva-os de memoria, como eu faço,
Tê mesmo a decoral-os não te pezes.

O nome que hoje tens—celebro n'elles;
Com todo enthusiasmo o repetindo;
Pois mais formoso nome eu não conheço,
Nem ha em portuguez—outro mais lindo!

Quando oiço dizer « Noiva »,
Ao comprar-se brancas sedas,
A palavra é o romper d'alva;
—As horas me correm ledas. . . .

Quando eu oiço dizer « Noiva »,
Ao comprar-se um aureo leque,
A palavra é um crescente,
—Tenho a fé que tem um xeque. . . .

Quando eu oiço dizer « Noiva »,
Ao comprar-se um véo de bysso,
A palavra é um favonio;
—Me dobro que nem caniço. . . .

Quando eu oigo dizer « Noiva »;
Ao comprar-se uma capella,
A palavra é sol dos tropicos;
— Crio ardor como a canella....

Em 22 de fevereiro de 1872.

LIVIO DRUSO.

Devaneio.

Meus lenções de branca areia
Lua cheia
Já prateia,
Que assim quer o astro lindo
Que luzindo
Vai subindo!

São horas.... eu vou deitar-me
Lá nas ribas solitarias;
As aguas, as folhas verdes,
As brizas então árias....

Si eu fosse donzella de rara belleza,
Em toda a pureza—de branco vestida;
Pedira ás estrellas, ao Ente Divino,
Me desse um destino—mais doce que a vida!...

Mais doce que a vida—passada sem dores—
Por entre os verdores da idade que sonha!
Talvez evitasse do mundo os enganos,
Que a taça dos annos converte em peçonha!...

O fogo sagrado que arde no peito,
Velara no leito, constante nos lares;
Amara o meu cysne, nas aguas mais puras,
—Subira ás alturas—pairando nos ares!...

Alinho, outubro 1870.

D. ZAMPIERI.

● teu sorriso!

(Miragem.)

A abelha busca nas flores
O póllen dourado e fino;
Eu busco sobre os teus labios
Esse sorriso divino....
—Pois teu sorriso, menina,
Tem mais decora que o mël;
Mais harmonia que o verso,
Mais encantos que o vergél!

Em sua lyra o poeta
Tem o segredo do canto;
Tu, em teus labios mimosos,
Um não sei quê de mais santo!
—Pois teu sorriso, menina,
Sendo mais doce que o mël,
—E' mais que um verso do Dias,
Ou que uma flor do vergél!

No jardim a borboleta
Vê seus amores, vaidosa;
Eu, em teu riso celeste,
Uma união venturosa....
—Pois teu sorriso, menina,
Sendo mais doce que o mël
Ou mais suave que o verso,
Promette mais que o vergél!....

D. ZAMPIERI.

Canção do caboclinho.

(Comendo *guabirabas*.)

Sinto o estalo, mui suave,
De um breve beijo de amor,
Quando quebro nos meus dentes
Fructa de tanto sabor!...

Beijo de moça faceira,
Não é mais doce, não é....
Que excellente *guabiraba*
Colhida fresca no pé!

Mas que digo! nem o beijo
Dado por quem eu bem sei?...
—Nunca melhor *guabiraba*
Na minha vida provei!...

Lembro-me sempre do beijo
Que me deste, meu amor;
Quando vou quebrar nos dentes
Fructa de tanto sabor!....

Quizera dar-te mil beijos,
Na tua bocca rosada;
Tantos, que nem *guabirabas*
Comidas de uma assentada!

LIVIO DRUSO.

Triste fado!

(HORA DE DESALENTO.)

E' um—buscar insano—este do poeta!
A mulher que elle deseja—é a imagem de Eva
no paraíso; e de mais a mais sem nunca ter os ou-
vidos inclinados para a serpente! Mas, onde irá elle
a achar-a?... Depois que o Eden perdeu-se, o que faz
elle, o que faz o poeta?

I.

Debalde, na lymphá pura do regato, procura ver
o retrato innocente—dessa imagem querida, dessa
Eva ideal!

II.

Debalde, no soprar de perfumado zephyro, tenta
escutar o seu respirar de santa, o seu halito puris-
simo!

III.

Debalde, na essencia das flores e nas madeiras
mais odoríferas, procura aspirar o perfume de seus
cabellos!

IV.

Debalde, no fulgor de uma estrella, sonha ver o
brilho amoroso e sempre vivo de seus olhos bellos!

V.

Debalde, no canto jubiloso dos passarinhos; no ru-
môr das folhas, por noite de luar; no murmurio das

aguas: em tudo o que tem harmonia, —suppõe escutar-lhe a doce voz!

VI.

Debalde, nas gottas do algente e nocturno orvalho, suppõe encontrar *d'ella* as lagrimas consoladoras!

VII.

Debalde, na còr purpúrea do arrebol, cuida ver, mais de uma vez no dia, o casto pudor que lhe assoma ás faces!

VIII.

Debalde, n'alvúra da névoa que se levanta da serra, se lhe aligera ver os candidos pensamentos *d'ella*, que se erguem para Deus!

IX.

Debalde, no setim deslumbrante das nuvens; na branca vela de um barco, lá no extremo horizonte; nas espumas de gaze de que se refranja o már, —debalde julga ver, aos caprichos do vento, as niveas vestes d'essa imagem querida, d'essa mulher ideal!

Poeta! quererias, por ventura:

Toga romana . . . sérvos e sérvas . . . ricas herdades?

—Não por certo!

Manto réal . . . damas do paço . . . muitas cidades?

—Não por certo!

Folhas de figo . . . Eva innocente . . . o paraíso?

—Tam somente:

Nada mais quizera . . . Bem feliz vivêra!

Oh! mas é— um buscar insano— este de poeta! A mulher que elle deseja, é uma imagem de Eva no paraíso; e o Eden perdeu-se! . . . Debalde, por isso, elle se esforça por reconstruill-o! « Tonto! pobre louco! »

D. ZAMPIERI.

Reminiscencias infantis.

O sol se tinha erguido radioso e inundava de luz vivissima as campinas, ao longe; os telhados e os arvoredos dos *quintaes*—ao perto; a natureza, por toda parte! Em breve dardejaria a prumo sobre o christal das aguas, que nesse momento parecerião de ouro derretido. . . . Depois, penderia para o lado do peente, e, envolto em pompas que nem as de um rei, o grande astro sumir-se-ia, para no outro dia apparecer de novo; acordando primeiro que eu,—mas tendo na vespera se deitado mais cedo, e mais triste talvez! . . .

—Pela manhã, como dizia eu, quando o sol já inundava de luz vivissima as campinas, ao longe, —ergui-me de meu leito de creança, com uma camizinha tão branca como a lã dos cordeiros,—como

a penugem dos pombinhos,—como o algodão das velhas fiadeiras. . . .

—De joelhos, com as mãozinhas postas, rezei uma salve rainha,—como faria um anjo de azas brancas lá no céu, junto de Nossa Senhora. . . .

—Depois sahi para fóra, como se fosse um passarinho, que ainda de pouco implumado começa a esvoaçar em redór do ninho aonde dormio descuidoso, aonde pepitou ao acordar alegremente. . . .

—Lá fóra beijei as mãos a minha mãe e a meu pai, como o colibri costuma a beijar as flores que mais ama no jardim. . . .

—D'ahi a pouco, sahi de junto d'elles, dando pulos como um cabritinho,—soltando pequenos gritos, que não sei bem com o que parecião!

—Ora aqui, ora ali, corria eu durante algumas horas inteiras, em busca de côres brilhantes; mais parecendo-me então com uma grande borboleta, do que com outra cousa. . . .

—Eurubecido e com os olhos encandeados pelo sol ardente que para a tarde annunciava chuva,—eu afinal estacava arfando de cansaço, e, olhando em torno de mim—parecia notar que me não faltavão azas multicôres; mas era de balde que as queria agitar, para dar o meu vôo, com a ligeireza de um canario que escapa da gaiola. . . .

—Ficava triste por momentos, em quanto descansava um pouco; depois recomeçava os meus folguedos, redobrando de alegria. . . .

—A planta trepadeira que não sei ainda hoje por que foi que a consagrãrão a *São Custano*, estava carregada de fructos amarellos, dependurados graciosamente em toda a extensão e largura da cerca do *quintal* da nossa casa: tomei um d'esses pomozinhos de ouro, de um mais verdadeiro jardim das Hesperides, e partindo-o pelo meio—fiquei encantado à vista dos grãos còr d'escarlata! Erão rubis adocicados, com que alguns passarinhos se regalavão; dispuz-me portanto a saboreal-os tambem. Quando acabei de engulir o ultimo grão, lembro-me que me enfeitei de flores amarellas e corri para casa, cantando como um *bem-te-vi!* . . . Dizendo a minha mãe que eu havia comido melão, e cantado como o passarinho—achava-me alli coberto das flores que ella via; seria certo, por tanto, insistia eu, que ainda poderia crear azas e voar por onde bém me parecesse?

—Creio que sim, meu filho! Mas é preciso estar mais quieto; do contrario as azas se poderão perder, na occasião de nascerem-te! . . .

Então deitei-me no colo de minha mãe, que era tão boa para commigo, e não tardou que adormeces-se; sonhando que me tihão vindo as azas,—mas que um mão fado m'as cortaria cedo! . . .

—No dia seguinte, ao acordar, senti-me um tanto triste; mas d'ahi a pouco punha-me a caminho para um lugar de que eu muito gostava. De passagem não escapavão aos meus olhos nem ás minhas mãozinhas as boninas e as sensitivas de flores rosadas, que se debruçavão sobre o trilho que seguia cabriolando. . . .

—O riachinho estava cheio d'agua pura da chuva, enchergando-se lá no fundo a arêa branca e os sei-

xinhos reluzentes: eu entrei dentro d'uma pequena pôça, batendo com ambas as mãos e formando ao redor de mim ondas aljofradas e dizendo que me parecia com um peixinho de escamas prateadas: eu era antes uma especie de cysne que se estava banhando n'uma *Castalia* em miniatura, como depois m'o disse exageradamente a imaginação, na adolescencia. . . .

—Quando voltei do riachinho, quasi ao meio dia, vejo vir um velho, com uma espingarda na mão, para o lado em que eu me achava: deitei a fugir, correndo quanto podia, e só parando apenas para olhar para trás, todo espantado e medroso, como um *capoeiro* perseguido, ou como um individuo que não tivesse vocação para as armas e todavia dessem-lhe caça para pôrem-lhe forçadamente uma farda ás costas; caça feroz que elle tratasse de frustrar a todo custo. . . . Não longe do sitio em que parei esbaforido, já tendo perdido o velho de vista, havião no chão umas flores de pão d'arco, que me trouxerão á lembrança as fauhas de um caçador.

—Quando cheguei ao pé de meu pai, disse-lhe que eu era um veadinho aquem, para verem se pegavão, havião até botado no caminho umas bonitas flores que de balde me chamavão para junto d'ellas! Meu pai não entendeu-me bem; segundo hoje me parece,—pois disse que eu era um tolo ou um bobo, e se pozera a rir.

—A tarde olhei para uma nuvem que se desfazia em chuva: ella estava irisada como a cauda de um pavão, e eu pensei commigo mesmo que o *Arco da velha*, como então me disserão que se chamava aquillo,—não era mais que uma grande cobra serapintada e que eu podia imitar perfeitamente, quando bem quizesse: não tardou que eu me besuntasse de urucú e pregasse nas minhas pernas e braços uma boa quantidade de papéis coloridos, subtraídos ás peças de riscadinhos bonitos e chitas vistosas que eu vira na loja de meu pai, e que lh'os arrancára quando elle mercava: apresentei-me a minha mãe, dizendo que o filho d'ella—era tambem *Arco da Velha!* . . . Mas, d'esta vez enganei-me, em minha louca vaidade, por que minha mãe disse-me, embora risonha, que eu era apenas uma cobrinha de coral!

—Chorei por isto; mas, d'ahi a pouco estava eu metamorphoseado n'um frondoso arvoredo; tantas erão as ramas e folhas de que me havia adornado. A todos que encontrava, perguntava sériamente se não achavão que eu era uma oiticica! Dizião-me que sim; mas a final encontrei quem me dissesse que a tal oiticica era uma cousa que já enjoava e mandarão-me que fosse «bugiar.»

—Chorando, fui fazer minhas queixas a minha mãe; deixando as minhas ramas e folhas espalhadas no chão; como se eu fosse na realidade alguma arvore despojada pela tempestade, ou partida pelo raio. . .

—D'ahi a pouco já não era nada disso; mas uma grande abelha sugando mel,—não nos cálices de mil variadas flores,—mas nos dedinhos róseos da moça mais bonita, que me chamava o seu noivo e me dava competas com suas próprias mãos delicadas. . . .

Quanto daria eu hoje para voltar á idade dos seis annos?

Tempo feliz; tempo que não voltará jamais!

Oh! Quem me dêra que o seculo recuasse um terço do seu curso; sem prejuizo para a civilisação e para a perfectibilidade da humanidade!

Na falta disso, tolerem os meus leitores estas *ASNEIRAS* que ali ficão: remocaráo o meu coração—todas as vezes que eu as ler no *Papyro*,—embora correndo o risco de me chamarem «escriptor pegas»

LIVIO DRUSO.

Transcripção.

Platão.

Platão, e o seu discipulo Aristoteles forão os maiores philosophos da antiguidade. Nasceu no anno 429 A. C. e era filho de Ariston e de Periclione, ambos membros de uma familia descendente do rei Codro. Sabemos pouco da sua educação, mas é de suppor que elle aprendeu tudo o que a mocidade grega então estudava. Foi Socrates o seu director philosophico durante nove annos; a morte deste sabio o impressionou vivamente e o determinou a sair de Athenas para viver em Megara com o celebre mathematico Euclides.

A philosophia eleatica e pythagorica, que elle aqui estudou, estendeu as suas proprias opiniões muito além dos principios elementares do seu primeiro mestre, Socrates. Algum tempo depois foi a Cyrene no Egypto, d'aqui á Italia, onde conheceu os principaes philosophos da eschola de Pythagoras, e finalmente chegou á Syracusa, na Sicilia. O tyranno desta cidade, Dyonisio, irritado pelos discursos do philosopho, o entregou ao embaixador de Sparta, que era então inimigo de Athenas, e este o vendeu em *Ægina* a um rico proprietario. Anniceris, de Cyrene, o resgatou, e Platão voltou para Athenas. Alguns annos depois veio outra vez á Syracusa; mas o filho do tyranno que o tinha vendido não valia mais que o pai. Platão deixou outra vez Syracusa, e regressou a Athenas. Aqui ficou até ao anno de 361; o philosopho emprehendeu então uma terceira viagem á Syracusa, mas pouco tempo ali se demorou. Voltou de novo para Athenas, onde morreu no anno 348, na idade de 82 annos. A morte o surpreendeu um dia em que elle assistia a um casamento.

Uma inscripção designa o seu tumulo no Ceramico.

Pensa-se geralmente que as suas relações com os tyrannos de Syracusa forão tentativas para pôr em pratica as suas idéas politicas: infelizmente tiveram muito máo exito.

(*Galeria Pittoresca de Homens Celebres.*)